

DESINFODEMIA: NEGACIONISMO E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19 NO BRASIL

DISINFODEMIA: NEGATIONISM AND DEINFORMATION IN THE CONTEXT OF COVID-19 IN BRAZIL

 Juliana Ferreira Marques¹

 Edvaldo Carvalho Alves²

 José Washington de Moraes Medeiros³

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. (PPGCI/UFPB).

E-mail: julifmarques@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).


E-mail: edvaldocalves@gmail.com

³ Doutor em Educação, Professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - Campus João Pessoa.

E-mail: washi_med@yahoo.com.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 1º jun. 2023.

Aceito em: 8 jun. 2023.

Publicado em: 31 jul. 2023.

Como citar este artigo:

MARQUES, Juliana Ferreira; ALVES, Edvaldo Carvalho; MEDEIROS, José Washington de Moraes. Desinfodemia: negacionismo e desinformação no contexto da COVID-19 no Brasil. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 327-343, jul. 2023. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v8iesp.2023.90662.327-343.

RESUMO

Além de evidenciar desafios e limitações inerentes ao sistema de saúde, ciência e tecnologias com foco na contenção de um Vírus, a pandemia de COVID-19 expôs algumas características de uma sociedade que disseminava desinformação com a mesma velocidade com a qual difundia informação factual. Essa realidade, definida como desinfodemia, fez com que o negacionismo científico e algumas nuances de desinformação como as *fake sciences*, testemunhais falsos, teorias da conspiração, *fake news*, dentre outras, constituíssem forças que podem ter dificultado a implementação de medidas de contenção à propagação da COVID-19. No âmbito brasileiro, algumas práticas informacionais de agentes do Governo Federal relacionadas à pandemia de COVID-19 podem ter sido desenvolvidas a partir de aspectos desinformacionais intencionalmente e estrategicamente constituídos. Diante disso, nesse estudo utilizamos o conceito de práticas desinformacionais, para contemplar essa relação entre o sujeito e a informação a partir da interação com a desinformação. Assim, desenvolvemos essa pesquisa empírica, descritiva



e documental, de abordagem qualitativa, que objetiva analisar a desinformação e o negacionismo científico relacionados à pandemia de COVID-19 e propagados nos discursos e entrevistas do Presidente Jair Bolsonaro no primeiro ano de pandemia. Foram utilizadas para análise, as diversas categorias de desinformação relacionada à pandemia e verificadas pela agência de *fact-checking* Aos Fatos originadas de discursos públicos, publicações em mídias sociais (Facebook, Twitter e Telegram), *lives* no YouTube e entrevistas do Presidente Jair Bolsonaro propagadas durante o primeiro ano de pandemia. Essa investigação inicial permite traçar um panorama sobre como a desinformação pode ser utilizada como narrativas da gestão da pandemia realizada pelo Governo Federal no brasileiro.

Palavras-chave: desinformação; pandemia de COVID-19; desinfodemia; práticas desinformativas.

ABSTRACT

In addition to highlighting challenges and limitations inherent to the health system, science, and technologies focused on the containment of a Virus, the COVID-19 pandemic exposed some characteristics of a society that disseminated disinformation with the same speed with which it disseminated factual information. This reality, defined as disinfectomy, made scientific denialism and some nuances of disinformation such as fake sciences, false testimonies, conspiracy theories,

fake news, among others, constitute forces that may have hindered the implementation of measures to contain the spread of COVID-19. In the Brazilian context, some informational practices of Federal Government agents related to the COVID-19 pandemic may have been developed from intentionally and strategically constituted disinformativ aspects. Given this, in this study we use the concept of disinformativ practices, to contemplate this relationship between the subject and the information from the interaction with disinformation. Thus, we developed this empirical, descriptive and documental research, of qualitative approach, which aims to analyze the disinformation and the scientific negationism related to the COVID-19 pandemic and propagated in the speeches and interviews of President Jair Bolsonaro in the first year of the pandemic. For analysis, the various categories of misinformation related to the pandemic and verified by the fact-checking agency Aos Fatos originated from public speeches, publications on social media (Facebook, Twitter and Telegram), *lives* on YouTube and interviews of President Jair Bolsonaro propagated during the first year of the pandemic were used. This initial investigation allows us to trace an overview of how disinformation can be used as narratives of the pandemic management carried out by the Federal Government in Brazil.

Keywords: disinformation; pandemic COVID-19; disinfectomic; disinformativ practices.

1 INTRODUÇÃO

Influenciada de sobremaneira pela conjuntura desinformativa operada por *fake news*, teorias da conspiração, testemunhos falsos, *fake sciences*, bots¹, a conjuntura social característica do período de pandemia de COVID-19 contou com a propagação em todo o mundo de informações distorcidas ou enganosas a respeito da origem do Vírus, formas de propagação, curas milagrosas, contraindicações das vacinas, dentre outras temáticas.

¹ Programas de software que executam tarefas automatizadas, repetitivas e pré-definidas.

Numa escala global, as pessoas tiveram que se adaptar à convivência com o vírus SARS-CoV associada ao surto coletivo causado pela desinformação e hiperinformação, identificadas, sobretudo, com a disseminação de informações que mais distorciam do que elucidavam a conjuntura pandêmica. O neologismo utilizado por Rothkopf (2003) num artigo jornalístico publicado à época no Washington Post, em menção à conjuntura desinformacional relacionada à pandemia de SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave), voltou a ser referenciado no histórico discurso do diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, na Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2020², no qual o mesmo relata que “não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia”.

Neste cenário de hiperinformação sobre a pandemia relacionado ao termo infodemia, há um panorama informacional que é arrefecido pela operação dos sistemas simbólicos, como a religião; o negacionismo científico, que pode ser potencializado por fundamentos ideológicos; o obscurantismo, dentre outros aspectos socioculturais permeados pela desinformação. Para estes casos, o termo desinfodemia parece ser o mais adequado por fazer referência a um recorte da infodemia, conforme define Zattar (2020), relacionado a esse tipo de desinformação.

Esta conjuntura adversa requer ações efetivas dos agentes públicos para a garantia de um direito básico, o acesso à informação, mas, não se trata de qualquer informação, esta deve ser factual, de qualidade, eticamente constituída e referendada cientificamente. No cenário pandêmico, tal preceito torna-se ainda mais essencial. Porém, alguns agentes políticos buscaram estabelecer, desde o início da pandemia, uma atmosfera de “normalidade”, talvez com o objetivo de se esquivar de gastos necessários para a tomada de medidas de contenção da COVID-19 (estruturação de unidades hospitalares, aquisição de EPI's, compra de vacinas) e evitar perdas financeiras, decorrentes das restrições de atividades presenciais que foram imprescindíveis na fase inicial da pandemia, devido à alta propagação do vírus.

Diante disso, foi desenvolvida esta pesquisa, que é um recorte de um estudo em desenvolvimento no âmbito do doutorado em Ciência da Informação, e que aqui configura-se de acordo com Demo (2000) como empírica, descritiva e documental, de abordagem qualitativa. Este estudo objetiva analisar a conjuntura de desinformação e o

² Discurso disponível no portal da OMS: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>.

negacionismo científico relacionados à pandemia de COVID-19 e propagados nos discursos e entrevistas do Presidente Jair Bolsonaro no primeiro ano de pandemia. Para tanto, a pesquisa foi estruturada em três seções, além desta introdução. Na primeira apresentam-se os principais conceitos que embasam o estudo; no segundo, descreve-se o como foram realizadas a coleta e a análise dos dados e apresentam-se os resultados encontrados; e, por fim, na última seção, a partir dos achados, infere-se alguns resultados parciais.

2 DESINFODEMIA: UMA NUANCE DA DESINFORMAÇÃO PROPAGADA NA PANDEMIA DE COVID-19

Semeada a partir de uma conjuntura de críticas à soberania do discurso científico, ao positivismo e à economia política burguesa que utilizaria a ciência a seu serviço, a desinformação evoluiu e consolidou-se na contemporaneidade sob a influência de ideologias diversas, de disputas de poder em torno da informação e da postura reacionária de alguns grupos em relação à mudança social.

Esta conjuntura social é identificada, conforme destacam Brisola e Bezerra (2018), com mecanismos como a manipulação do silenciamento, o excesso de informação, o alinhamento aos interesses do poder político-econômico, o apartamento da ética, dentre outros. A propagação da desinformação também pode ser entendida, a partir da perspectiva teórica de uma economia política de desinformação, na qual os tipos de desinformação passam a constituir moeda de troca e estratégia de gestão.

No âmbito da COVID-19, a desinformação contribuiu para a instalação de uma crise que obstaculizou o desenvolvimento de ações voltadas à preservação de vidas. Conforme destaca Casara (2017), a palavra “crise” era utilizada no âmbito médico para retratar o momento decisivo em que o doente, em função da enfermidade, melhorava ou morria, ou seja, há na crise tanto Eros quanto Thanatos, pulsão de vida e pulsão de morte, a esperança de continuidade, e o medo ligado ao desconhecido. Assim, a palavra crise pode definir não apenas o cenário sanitário estabelecido pelo vírus, mas, a conjuntura desinformacional relacionada à pandemia.

Em um campo social no qual se desenvolvem modelos de relação entre o sujeito e a informação que transcendem o comportamento individual e que são ressignificados a partir da interação com a desinformação, com condutas que buscam confundir, atender interesses particulares, propagar ódio, disseminar falácias lógicas, pode-se utilizar o

termo “práticas desinformacionais” para alcançar uma nuance estratégica que esta conjuntura evoca.

Para além de uma questão semântica, o acréscimo do prefixo “des” ao termo “práticas informacionais”, busca acrescentar a este conceito o caráter intencional e estratégico estabelecido pela desinformação que, segundo Brisola e Bezerra (2018, p. 3319), envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde.

Da mesma forma ocorre como termo infodemia, que é acrescida do prefixo “des”, para contemplar um recorte da infodemia, o que se estabelece na aproximação com a desinformação.

A desinfodemia surge como uma desinformação em meio à pandemia ao expor as pessoas aos riscos das informações falsas, a partir da deslegitimação da produção do conhecimento científico e exposição pública, com (disinformation) ou sem intencionalidade (misinformation), mas que o objetivo pode ser desde uma “brincadeira” até as disputas políticas ou as vantagens comerciais de um determinado grupo farmacêutico, por exemplo. (ZATTAR, 2020, p.6)

No contexto da COVID-19, algumas práticas desinformacionais como as *fake news*, *fake sciences*, testemunhais falsos e teorias da conspiração, funcionam como estruturas estruturadas que, associadas aos sistemas simbólicos (religião, cultura, capital social), como estruturas estruturantes, e mediadas pelo que Bourdieu (1996) denomina de *habitus*³, permitem a consolidação da realidade definida como desinfodemia.

Nesse sentido, embora seja um país que, historicamente, consolidou seu Sistema Único de Saúde (SUS), se tornando exemplo para o mundo em políticas de saúde pública, e a cultura da vacinação seja presente no cotidiano dos brasileiros, o país ainda precisa resolver dificuldades que foram acentuadas com a pandemia de COVID-19 e que possibilitam a disseminação das práticas desinformacionais, tais como: pobreza, desigualdade social, criminalidade, corrupção.

Associada a isso, a desinformação integra o que D’Ancona (2018, p. 46) denomina como uma indústria multibilionária da desinformação, da propaganda enganosa e da falsa ciência, que surgiu nos últimos anos e que não tem nada a ver com ações de lobby ou relações corporativas legítimas.

³ Conceito utilizado por Bourdieu (1996) para definir as estruturas estruturadas que organizam a forma como os sujeitos percebem o campo social à sua volta e a ele reagem a partir das estruturas de poder (capital) que dispõem.

Neste cenário, qualquer agente atua no sentido de refutar teorias e apresentar suposições científicas, mesmo sem possuir formação acadêmica para tal, e há um estímulo público de autoridades constituídas no sentido de descredibilizar o conhecimento científico. Scales, Gordon e Jamieson (2021) lembram que, em todo o mundo, médicos e pacientes tem enfrentado duas pandemias, a primeira causada pelo SARS-CoV-2 e outra fruto da desinformação. Recuero (2021) destaca que a desinformação sobre COVID-19 é enquadrada principalmente como um assunto político-partidário, deixando a questão de saúde pública em segundo plano.

De fato, o caso brasileiro evidencia essa realidade que demonstra que o combate a um vírus letal e contagioso como o SARS-CoV-2 requer o investimento de agentes governamentais em diversos campos de atuação:

- científico-tecnológico, para o desenvolvimento de estudos sobre vacinas, fármacos que possam ser utilizados, conhecimento sobre os mecanismos para frear a propagação;
- financeiro, para a aquisição de insumos, equipamentos de proteção individual, aumento de leitos de UTI em hospitais, entre outras aquisições de ordem material e para implementar medidas que possam assistir às populações vulneráveis e auxiliá-los durante as ações de contenção do vírus;
- e informacional, na realização de campanhas de combate à desinformação sobre a doença e, sobretudo, assumindo o compromisso de buscar amparo científico e legal nas informações a serem repassadas como conteúdo oficial.

Alinhar essas três perspectivas de atuação é um desafio que deve ser enfrentado por gestores governamentais, que precisam agir sob a luz do conhecimento científico para superar uma realidade sem precedentes históricos.

Este cenário de desinfodemia, evidenciado por Zaracosta (2020) pelo grande volume de informações que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo, devido a um evento específico, como a pandemia atual, faz com que a desinformação possa ser o elemento decisório para estimular ações de cuidado e proteção à vida ou iniciativas que aproximam os agentes da morte.

De acordo com Posetti e Bontcheva (2020) a nova desinformação sobre a COVID-19 cria confusão referente à ciência médica, com impacto imediato em sociedades inteiras. Ela é mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros assuntos e pode ser conceituada como desinfodemia.

A desinformação existe desde bem antes da COVID-19. Inverdades destinadas a minar a validade da ciência, por exemplo, vêm desde o ressurgimento do “movimento terraplanista” e se estendem até aqueles que contestam o consenso sobre a mudança climática, geralmente com vistas ao ganho político ou econômico. As inverdades que atualmente contaminam a informação sobre a saúde pública baseiam-se nas mesmas ferramentas de disseminação tradicionalmente usadas para divulgar a desinformação. A novidade está nos temas e seus impactos muito diretos. (POSETTI E BONTCHEVA, 2020, p. 2)

Assim, a desinfodemia pode ser conceituada como o contexto de excesso de informações enganosas e de estratégias de manipulação que, por meio de práticas desinformacionais como as *fake sciences* e as teorias da conspiração sobre uma doença, propagam-se numa velocidade equivalente a uma pandemia, podendo direcionar à população a tomadas de decisão prejudiciais à saúde, ou letais.

De fato, a gestão de uma crise sanitária potencialmente letal como a COVID-19, requer um esforço para o qual líderes de muitas nações talvez não tenham interesse em realizar, o desprendimento de questões político-eleitorais em prol de um bem maior: a preservação da vida. Medidas impopulares, como a restrição do funcionamento de atividades não essenciais, embora tenham sido apontadas como alternativas de combate ao vírus, não repercutem positivamente para a imagem de quem determina tais ações e, justamente por isso não encontraram amparo em alguns governos.

3 A DESINFODEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PRIMEIRO ANO

Desde o surgimento da COVID-19, segundo dados da OMS⁴ em 31 de dezembro de 2019, na China, e do primeiro caso no Brasil, registrado em fevereiro de 2020, o vírus SARS-CoV-2 passou a se propagar ao mesmo tempo em que se disseminava uma onda de desinformação relacionada à pandemia. E se naquela ocasião a população acessava e difundia informações enganosas sobre a origem do vírus, curas milagrosas, estatísticas

⁴ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-COVID-19>. Acesso em 6 ago 2021.

falsas, por desconhecimento, medo de encarar a realidade ou necessidade de se estabelecer como pseudo autoridades cognitivas⁵, no caso de alguns agentes públicos, a difusão de desinformação pode ter sido um recurso utilizado para atender interesses particulares ou se esquivar de obrigações.

Diante disso, foi desenvolvido este estudo que estabeleceu como recorte empírico as diversas categorias de desinformação (*fake news*, *fake science*, teoria da conspiração, testemunhal falso e negacionismo científico) verificadas pela agência de *fact-checking*⁶ Aos Fatos com o selo de falso (atribuído a notícias ou boatos com informações sem amparo factual cujos dados objetivos as contradizem), que integram o especial “Todas as declarações de Bolsonaro checadas”. Foram verificadas declarações falsas, originadas de discursos públicos, publicações em mídias sociais (Facebook, Twitter e Telegram), *lives* no YouTube, entrevistas, entre outros propagadas durante o primeiro ano de pandemia.

Parte do conteúdo recuperado foi excluído, pois, por questão de transparência e audibilidade, utilizamos apenas informações cuja fonte original (endereço eletrônico de entrevista disponibilizada em uma página na Internet ou mídia social) ainda estava disponível para acesso. Além disso, todo o conteúdo apontado pela agência aos fatos e apresentado nesta pesquisa foi verificado novamente para que fosse confirmado o caráter falso da informação recuperada.

Posteriormente, a partir do conteúdo encontrado, foi estabelecido um recorte das temáticas e selecionadas algumas informações que poderiam lançar luz sobre a desinfodemia no Brasil, de acordo com o que preconiza Bardin (2011). Dessa forma, foram estabelecidas as categorias: pandemia no mundo, características da doença, formas de contágio, letalidade do vírus, postura do governo para gerenciar a crise, vacina, tratamento, politização da pandemia, impactos econômicos e críticas às medidas de combate.

As informações encontradas e apresentadas neste estudo (QUADRO 1) podem apontar para algumas questões que foram preponderantes na situação da desinfodemia brasileira. O conteúdo das informações propagadas no primeiro ano de pandemia reúne registros sobre origens e a propagação da COVID-19, estatísticas falsas, impactos econômicos, sintomas, diagnóstico e tratamento, impactos na sociedade, politização da

⁵ O conceito de autoridades cognitivas ou autoridades epistêmicas relaciona-se à credibilidade estabelecida por quem reconhece alguém como autoridade em determinado assunto, torna suas opiniões credíveis (RIEH, DANIELSON, 2007).

⁶ Serviço jornalístico de verificação de declarações e checagem de fatos.

pandemia e eficácia da vacina. A maior parte do conteúdo apresentado foi divulgado no primeiro semestre de 2020. Isso se deve ao fato que, a partir de junho de 2020, o Presidente passou a não conceder mais os pronunciamentos que fazia habitualmente na área conhecida como “cercadinho” no Palácio do Planalto”, em Brasília. Soma-se a isso o fato de que alguns registros de práticas desinformacionais se repetem, e optamos por expor apenas o registro mais antigo.

Quadro 1 – Desinformação difundida pelo Presidente Jair Bolsonaro checadas pela “Aos fatos”

EIXOS	FAKE NEWS POR DISCURSO	DATA / FONTE
PANDEMIA NO MUNDO	“A Itália tá entrando praticamente na descendente.”	21/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=xlFTXa6fjxE
	“Ontem, ouvi o relato das palavras do Presidente Trump nos Estados Unidos. Tá numa linha semelhante à minha. (...) E pelo que tudo indica, ele vai reabrir a partir de hoje os postos de trabalho.” “Peguei um vídeo agora no Japão, todo mundo na normalidade.”	25/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=v3A_8vywC0
	“Por isso o resultado da França, que 86% se contaminou em casa. [França não,] Nova York.”	19/05/2020 https://www.youtube.com/watch?v=VkkZjDhKc3g
CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA	“O país só fica isento dela [COVID-19], imune, depois de 60%, 70% for infectado.”	29/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=buL3uZ9CcM
	“Quem tem abaixo de 10, é zero” [Chance de morrer de COVID-19]	30/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=ft2ZA8zdPY
	“Ou seja, daqui pra frente é o final da pandemia.”	15/12/2020 https://www.youtube.com/watch?v=Zv0mQCgcOnc
FORMAS DE CONTÁGIO	“Hoje temos informações, por ser um clima mais tropical, estamos aí praticamente no final, ou já acabou aí, o verão, e o vírus não se propaga com essa velocidade em climas quentes como o nosso.”	18/03/2020 https://twitter.com/i/broadcasts/1djGXQXOyWkJZ
LETALIDADE DO VÍRUS	“Para mais de 60% dos brasileiros não será nada, nem tomarão conhecimento, nem sentirão caso venham a ser infectados.”	21/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=DK9lhB2dl1M&t=76s
	“Essas pessoas [que morreram no Brasil], como você vê nos Estados Unidos, têm uma média de idade na casa dos 80 anos. São pessoas que têm duas outras três doenças pré-existentes.”	25/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=v3A_8vywC0

	“Se essas pessoas tivessem pego H1N1, iam morrer também.”	
	“Tem alguma notícia de criança abaixo de 10 anos que tenha morrido? Não. Zero.”	1/04/2020 https://www.youtube.com/watch?v=KCFjhN5u5dM
	“Para mim, pelo meu passado atlético, pela vida que eu levo, não passará de uma gripezinha”	29/11/2020 https://www.youtube.com/watch?v=bemYbQ5HzR0
POSTURA DO GOVERNO PARA GERENCIAR CRISE	“A questão da saúde estamos fazendo o possível, poucos locais faltaram respiradores e leitos de UTI.” “Eu não fiz aglomeração, estavam aglomerados na pracinha [em visita a Ceilândia e Taguatinga em março].”	19/05/2020 https://www.youtube.com/watch?v=VkkZjDhKc3g
	“Isso que eu falava: saúde e economia têm que andar de mãos dadas.”	15/12/2020 https://www.youtube.com/watch?v=Zv0mQCgc0nc
VACINA	“Não tem cabimento o que está acontecendo, [a vacina] é experimental, não temos comprovação científica”.	07/01/2021 https://www.youtube.com/watch?v=Zzj93uz78NE
TRATAMENTO	“Tive um estudo agora que veio de uma entidade francesa, vi num hospital renomado aqui do Brasil, a questão da cloroquina, hidroxicloroquina, já é uma realidade. Nesse estudo feito com pacientes, de 80, 78 foram curados.”	29/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=buvL3uZ9CcM
	“Daí eles falam: ah, isso não tem comprovação científica. Eu sei disso, mas não tem contraindicação”	15/12/2020 https://www.youtube.com/watch?v=Zv0mQCgc0nc
	“Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”.	17/12/2020 https://www.youtube.com/watch?v=lBCXkVOEH-8
POLITIZAÇÃO DA PANDEMIA	“Governadores e prefeitos que tomaram medidas bastante rígidas, não achataram a curva.”	30/04/2020 https://www.youtube.com/watch?v=nw31o_MIL08
	“Pergunte ao João Doria, ao senhor Covas, o porquê de ele ter tomado medidas tão restritivas que eliminou mais de um milhão de empregos em São Paulo, continua morrendo gente.”	29/04/2020 https://www.youtube.com/watch?v=h7_RkFXIG6c
IMPACTOS ECONÔMICOS	“Daquele povo que está na informalidade, 38 milhões, grande parte já perdeu os seus empregos.”	27/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=Q8DaRmkkkq8
	“O que ele [o diretor da OMS] disse, praticamente? Em especial,	31/03/2020 https://www.youtube.com/watch?v=o

	os informais, tem que trabalhar.”	Zoxt0idbd8
CRÍTICAS ÀS MEDIDAS DE COMBATE	“De qualquer maneira [com ou sem medidas de isolamento], o número de infectados vai ser o mesmo.”	08/04/2020 https://www.youtube.com/watch?v=R_Mq3XF1bKU

Fonte: Adaptado de Aosfatos.org

Dentre tais informações, uma das características é que estas possuem força para dificultar as ações de combate ao vírus, contribuindo para a implementação do que Mbembe (2016) define como necropolítica, que se estabelece no âmbito federal. Isso fica evidente nas práticas desinformacionais que desmereciam a letalidade do vírus (Ex: “para mim, pelo meu passado atlético, não passará de uma gripezinha” – 29/11/2020), criticavam as medidas de combate (“De qualquer maneira [com ou sem medidas de isolamento], o número de infectados vai ser o mesmo” – 08/04/2020), distorcem características da doença (“O país só fica isento dela [COVID-19], imune, depois de 60%, 70% for infectado” – 29/03/2020), formas de contágio (Ex: “por ser um clima tropical o vírus não se propaga aqui com velocidade, já estamos perto do final” – 18/03/2020), recomendam o tratamento precoce (“Tive um estudo agora que veio de uma entidade francesa, vi num hospital renomado aqui do Brasil, a questão da cloroquina, hidroxicloroquina, já é uma realidade. Nesse estudo feito com pacientes, de 80, 78 foram curados” – 29/03/2020). Também foram localizadas práticas desinformacionais voltadas a sustentar os interesses governamentais por meio de:

A) Distorção a respeito da postura do Governo para gerenciar a crise (“Isso que eu falava: saúde e economia têm que andar de mãos dadas” – 15/12/2020).

B) Falas sobre a pandemia no mundo para referendar iniciativas negacionistas ou reforçar posturas adotadas pelo Governo (“Na Itália tá entrando, praticamente, na descendente” – 21/03/2020 – nesta época, na verdade, a Europa era o epicentro da pandemia⁷ / “Por isso o resultado da França, que 86% se contaminou em casa. França não, Nova York” – 19/05/2020);

C) Registros de falas que politizam a pandemia, utilizando esse recurso para atacar quem se posicionasse numa linha político-ideológica diversa da defendida pelo Governo Federal (com destaque para os ataques a prefeitos e governadores – 29/04/2020);

⁷ Avanço da pandemia de coronavírus isola a Europa. Disponível em: Avanço da pandemia de coronavírus isola a Europa - 17/03/2020 - UOL Notícias. 15 mar 2020.

D) Inverdades relacionadas à falta de ações do Governo Federal do combate ao vírus (dentre as mais repetidas), justificada em 88 falas que repercutem uma medida do Supremo Tribunal Federal (STF) que, segundo Bolsonaro, proibiria as ações federais concedendo exclusividade aos Estados e municípios para gerenciar a pandemia (um dos registros data de 16/04/2020).

Para além das questões de saúde pública, os posicionamentos do Presidente Jair Bolsonaro demonstram uma orientação político-ideológica. E, esse tipo de conduta é apontada no relatório da organização não governamental Arquivo 19⁸ (2021) como uma das causas de desenvolvimento da desinfodemia no Brasil.

A Organização Mundial de Saúde já alertava para o perigo da desinformação no contexto da pandemia. Contudo, o Governo Federal e o Ministério da Saúde continuaram a insistir na disseminação de notícias falsas, descredibilizando protocolos internacionalmente reconhecidos de prevenção ou de tratamento da COVID-19. O resultado das declarações que contradiziam fatos científicos foi notório. A cada pronunciamento presidencial que contraditava as orientações de cuidado, houve um crescimento da curva de contaminação e de mortes no país. (ARQUIVO 19, 2021, p.9)

Ao considerar-se que, conforme expressa Lowy, 2010, p. 19, uma análise dialética das ideologias e das utopias ou das visões de mundo tem que começar com a distinção essencial entre aquelas visões de mundo que visam manter a ordem estabelecida, as ideologias, e aquelas que visam ou aspiram transformá-la, que são as utopias, no âmbito da desinfodemia no Brasil, os atos do Presidente buscavam preservar a condição hegemônica deste, seja na manutenção da imagem e dos capitais econômico e simbólico.

as ideologias são sempre duplamente determinadas – que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das frações de classes que elas exprimem (função de sociodiceia), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção”. (BOURDIEU, 1989, p. 13).

Assim, da mesma forma que ocorreu no 18 Brumário⁹ quando, de acordo com Marx (2001) todas as classes se uniram contra a classe proletária para “salvar” a sociedade dos “inimigos”, pode ser estabelecida uma analogia com a desinfodemia do Brasil, quando o Governo Federal buscou demonstrar que enfrentaria alguns inimigos (STF, governadores,

⁸ Organização não-governamental de direitos humanos nascida em 1987, em Londres, com atuação em 9 países e a missão de defender e promover o direito à liberdade de expressão e de acesso à informação em todo o mundo. Seu nome tem origem no 19º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU.

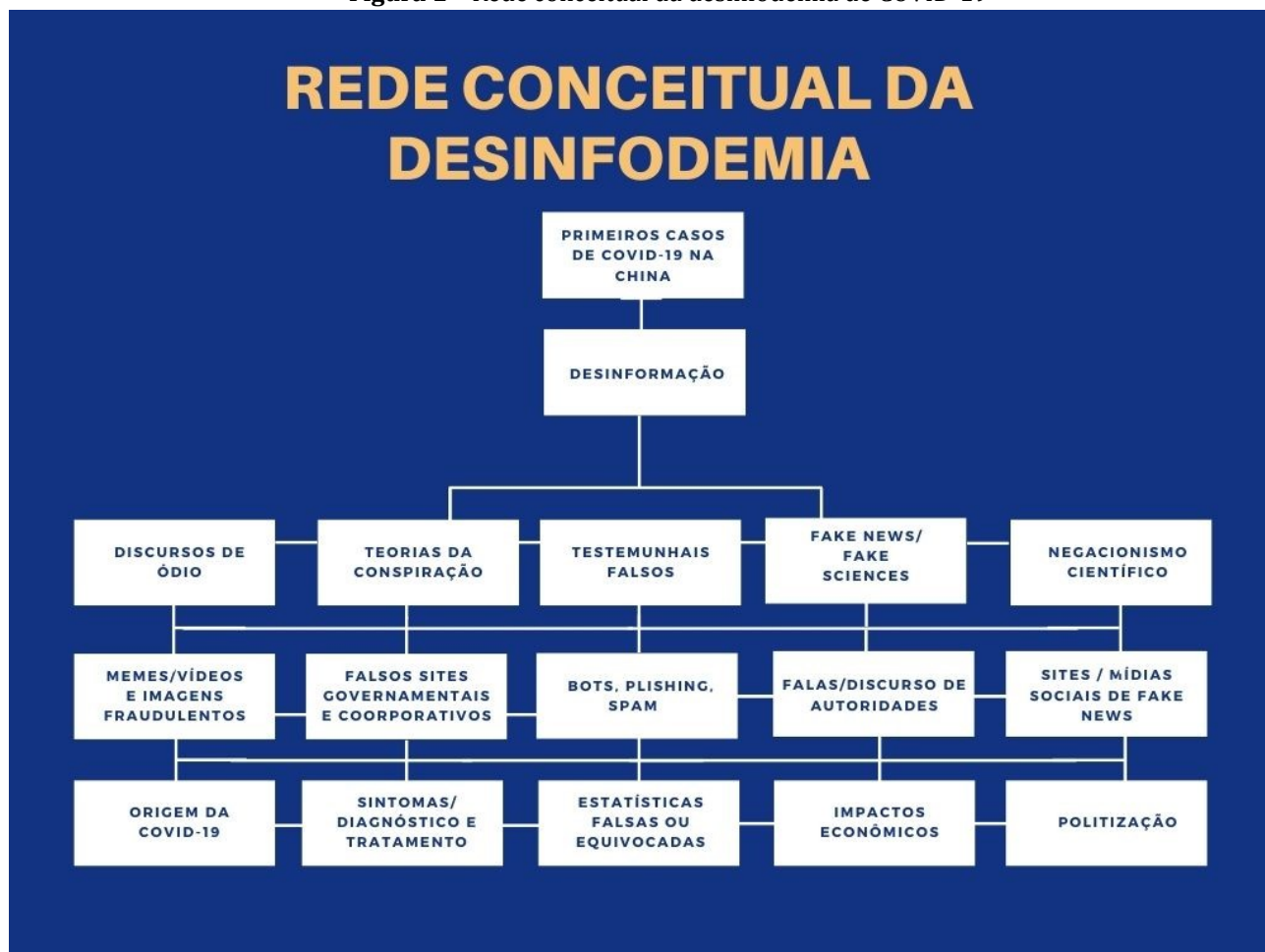
⁹ Golpe de Estado de Luís Bonaparte na França em 1851 no qual foi evidenciado o papel da luta de classes como força motriz da história e o caráter limitado e contraditório da democracia burguesa.

OMS) e conclamou a população por meio do apelo ao emocional e às crenças, dentre outros artifícios (ameaça de desemprego, promessa de cura milagrosa) para apoiá-lo nessas causas que, a princípio, eram apresentadas como interesses das frações de classe do país, mas, buscavam sobretudo, a garantia a posição ocupada pelo Líder do Executivo Federal.

3.1 Rede conceitual da desinfodemia

Da negação da gravidade da pandemia, à esquiva da responsabilidade de investimentos e resistência na adoção de medidas de enfrentamento, foram várias as fases pelas quais cada nação teve de passar nessa conjuntura de desinfodemia. Considerando a realidade brasileira, e a partir do que Posetti e Bontcheva (2020) apresentam, pode ser constituída uma rede conceitual da desinfodemia (FIGURA 1) com o desencadeamento dos fatos característicos desse contexto informacional.

Figura 1 – Rede conceitual da desinfodemia de COVID-19



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Na Figura 1 todas as categorias aparecem interligadas, compondo uma rede conceitual que se estabelece a partir do momento em que, após o surgimento dos primeiros casos de COVID-19, o cenário de desinformação pôde ser identificado com a propagação de práticas desinformacionais por meio das diversas categorias (discursos de ódio, teorias da conspiração, testemunhais falsos, *fake news*, *fake sciences*, negacionismo científico) como a informação exposta no Quadro 1, de que a Cloroquina pode ser utilizada para tratar a COVID-19; testemunhais falsos, como a fala do Presidente Jair Bolsonaro propagada em 25 de março: “Peguei um vídeo agora no Japão, todo mundo na normalidade”; negacionismo científico, propagado quando, por exemplo, o Presidente, também ao defender o uso de Cloroquina e Azitromicina para tratar a COVID-19, em 15 de dezembro de 2020, declara: “Daí eles falam: ah, isso não tem comprovação científica. Eu sei disso, mas não tem contraindicação”.

Os discursos de ódio também são caracterizados neste estudo como uma das formas de apresentação das práticas desinformacionais que pode ser vista em 27 de março de 2020, quando o Presidente declara que “Daquele povo que está na informalidade, 38 milhões, grande parte já perdeu os seus empregos” e, posteriormente, em 16 de abril de 2020, diz “Pergunte ao João Doria, ao senhor Covas, o porquê de ele ter tomado medidas tão restritivas que eliminaram mais de um milhão de empregos em São Paulo, continua morrendo gente”.

E as teorias da conspiração¹⁰ também podem ser encontradas em algumas falas do Presidente, como na declaração de 7 de janeiro de 2021, quando muitos países já haviam iniciado a vacinação da população e Jair Bolsonaro propaga a ideia de que a vacina não é segura: “Não tem cabimento o que está acontecendo, [a vacina] é experimental, não temos comprovação científica”. Na declaração o Presidente deixa pairar a dúvida quanto à postura adotada pelos países que vacinavam a população, dando a entender que haviam interesses particulares a serem atendidos.

Os mecanismos de desinformação supracitados passaram a ser propagados de diversas formas: por memes (línguas, sons, imagens facilmente apreendidos e propagados repetidamente pela Internet); vídeos e imagens fraudulentas; falsos sites governamentais; recursos tecnológicos como *bots*, *plishing* (criação de sites falsos para enganar usuários

¹⁰ Segundo Uscinsky (2020), teorias da conspiração seriam tentativas de explicação de um evento a partir de questões obscuras de grupos de pessoas poderosas que atuam em favor de seus interesses e contra o bem comum.

e/ou colher informações para golpes), envio de correntes desinformacionais e mensagens de *spam*; sites e mídias sociais com foco na propagação de *fake news* e, inclusive, falas e discursos de autoridades constituídas.

No contexto de desinfodemia de COVID-19, todos esses recursos atuam para constituir práticas desinformacionais, preponderantemente, sobre a origem do vírus; sintomas, diagnóstico e tratamento; estatísticas falsas e/ou equivocadas; impactos econômicos e politização. Ao passo em que a pandemia evoluía, provocando desdobramentos sociais, econômicos e sanitários, a desinfodemia se propagava desenvolvendo-se a partir de práticas desinformacionais de agentes que passariam a utilizar desse recurso estratégico adaptado aos interesses particulares. E essa é a principal característica das práticas desinformacionais: são alheias às demandas coletivas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito governamental, a gestão de uma pandemia, ou a má gestão, está relacionada não apenas à situação administrativa e financeira de um país, mas, determina o número de vidas ceifadas ou preservadas. No caso da COVID-19, um governo que desconsidera qualquer uma das medidas apontadas pela OMS para enfrentar a pandemia, ou mesmo atua em oposição a essas diretrizes, assume o risco de propagação da doença e seus eventuais desdobramentos (hospitalizações e mortes).

Ao considerarmos que, para populações vulneráveis no Brasil, o acesso às condições básicas de subsistência, como moradia e alimento, já era um problema antes da pandemia, o que, com a chegada da COVID-19 acentuou-se, e a aquisição de EPIs e atendimento médico é um desafio imposto para essa parcela da sociedade, um governo que não investe em ações de assistência a esse público e utiliza de informações enganosas para referendar esse tipo de conduta, pratica necropolítica (MBEMBE, 2016), pois, agente do risco de morte que impõe a esse grupo.

Considerando os riscos da proliferação da desinformação relacionada à COVID-19, é possível inferir tratar-se de um contrassenso investir em vacinas se a população for influenciada, sobretudo por autoridades políticas, a acreditar que estas não são eficazes; reduzir os índices de infectados numa população cujos líderes governamentais descredibilizam os Equipamentos de Proteção Individual.

Desinformar, quando é uma escolha de agentes políticos, não por falta de informação, ou acesso à informação equivocada, mas, enquanto um ato premeditado, constitui-se como uma ação estratégica de quem, entre a vida das pessoas e a subsistência de um governo, escolhe a segunda via.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO 19. **Infodemia e a COVID-19: a informação como instrumento contra os mitos.** 2021. Disponível em: <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2021/05/Infodemia-e-a-COVID-19-%E2%80%93-A-informacao-como-instrumento-contra-os-mitos.pdf>. Acesso em: 05 jun 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução Mariza Correia. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BRISOLA, Anna Cristina; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais Eletrônicos...** Marília: Unesp, 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1219>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- CASARA, Rubens. **O estado pós-democrático** [recurso eletrônico]: neo obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.
- D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News.** Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MBEMBE, Achille. **Nécropolitique. Raisons politiques**, 2006/1 (no 21), p. 29-60. DOI :10.3917/rai.021.0029. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-raisons-politiques-2006-1-page-29.htm>. Acesso em: 06/06/2021.
- POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemia: decifrar a informação sobre a COVID-19.** Paris, França: UNESCO, 2020. Disponível em: <https://gcedclearinghouse.org/sites/default/files/resources/210118por.pdf>. Acesso em 2 ago 2021.
- RECUERO, Raquel. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]. Pelotas, RS: MIDIARS – Grupo de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais, 2021.
- RIEH, Soo Young; DANIELSON, David. **Credibility: a multidisciplinary framework.** In B. Cronin (Ed.), *Annual Review of Information Science and Technology*. v. 41, p. 307- 364. **Medford, NJ:** Information Today. 2007. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.2007.1440410114>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ROTHKOPF, David J. When the Buzz Bites Back. **Washington Post**. May 11, 2003. Page B01. Disponível em: https://moodle2.units.it/pluginfile.php/334512/mod_resource/content/1/Rothkopf%20-%20When%20the%20Buzz%20Bites%20Back.pdf. Acesso em: 04 jun 2021.

SCALES, David; GORMAN, Jack; JAMIESON, Kathleen H. The COVID-19 Infodemic — Applying the Epidemiologic Model to Counter Misinformation. **The New England Journal of Medicine**. May 12, 2021. DOI: 10.1056/NEJMp2103798. Acesso em: 6 jun 2021.

USCINSKI, Joseph E. Conspiracy Theories: A Primer. Nova Iorque: Rowman & Littlefield, 2020.

ZARACOSTA, John. How to fight infodemic. **Lancet**, Genebra, v. 395, p. 675, 29 fev. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext). Acesso em: 19 jun. 2021.

ZATTAR, M. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de COVID-19. **Liinc em revista**, v. 16, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 07 jun. 2022.